

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: FORMAÇÃO EM TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

Autor (1) Maria de Lourdes Nunes Bernardo; Co-autor (1) Cláudia Cybele Lessa Páscoa; Co-autor (2) Cristiane Fonsêca Ximenes de Castro; Orientador (3) Andréa de Souza Gonçalves Pereira

*Prefeitura Municipal de Fortaleza/ Secretaria Municipal de Saúde/ Coordenadoria de Vigilância Ambiental/ Núcleo de Educação em Saúde e Mobilização Social /nuneslourdes20@gmail.com*

### **Introdução**

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é um espaço de promoção de encontros interpessoais e intercomunitários, objetivando a valorização das histórias de vida dos participantes, o resgate da identidade, a restauração da autoestima e da confiança em si. (BARRETO, 2005)

De acordo com a portaria, nº 849/2017 do Ministério da Saúde, a TCI, como um dos elementos das Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS), vem ao encontro da comunidade como instrumento que nos permite construir uma rede solidária de promoção à vida. Constitui-se numa roda de partilha de experiências de vida. Cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas, em busca de soluções e recuperações dos seus sofrimentos e problemas cotidianos, num ambiente acolhedor, amoroso, onde o respeito ao outro é essencial, sendo todos corresponsáveis neste processo. Observa-se que a vida em comunidade é difícil e que os problemas e os conflitos são inevitáveis. Entretanto, eles podem ser fonte de crescimento. E as soluções para os problemas podem ser encontradas dentro da própria comunidade e um dos instrumentos é a terapia comunitária. (BARRETO, 2005)

Costa, (2010) relata em seu trabalho que a prática da Terapia Comunitária Integrativa surgiu em 1986, na comunidade do Pirambu, uma das maiores comunidades de Fortaleza, como resposta a uma crescente demanda de indivíduos com sofrimentos psíquicos que buscavam apoio jurídico junto ao projeto de apoio aos direitos humanos da própria comunidade. Foi fundado pelo pesquisador e médico psiquiatra, antropólogo e professor da Universidade Federal do Ceará, Dr. Adalberto de Paula Barreto, para atender as necessidades de saúde da referida comunidade.

Jataí (2010), diz que atualmente a TCI está implantada em vários estados brasileiros, a partir das experiências e dos cursos para formação de terapeutas comunitários, e presente em dezenove países do mundo, tais como: Suíça, Itália, França, dentre outros.

De acordo com a portaria Nº 971, de 03 de maio de 2006, o documento que aprova as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) no SUS, Sistema Único de Saúde, a partir das diretrizes e recomendações da Organização Mundial da Saúde – OMS, o curso terapia comunitária integrativa, vem dando possibilidades a inserção das TCI, para fortalecer as ações e serviços das PICS, na rede da atenção primária de forma que suas práticas possam garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social, como fatores determinantes e condicionantes da saúde. (BRASIL, 2006)

Segundo Giffoni e Santos (2011), desde muito tempo as pessoas vêm cada vez mais adoecendo tanto o corpo físico quanto emocionalmente, e nesse contexto a TCI vem como uma grande aliada para a atenção básica a saúde, com suas rodas de terapia comunitária. Com esse olhar, a Secretaria Municipal de Saúde, (SMS) de Fortaleza, no intuito de ampliar e melhorar a atenção e promoção à saúde da população fortalezense ofereceu o curso de formação para Terapia Comunitária Integrativa, aos profissionais de saúde, a fim de formar novos terapeutas.

O curso teórico e prático em Terapia Comunitária Integrativa visa capacitar lideranças comunitárias e profissionais da área de saúde, social, educacional, para conduzirem rodas de terapia comunitária em suas comunidades ou instituições. Trata-se de criar espaços de partilha de sofrimentos, digerindo uma ansiedade paralisante que traz riscos para a saúde destas populações. Estes fatores estressantes só podem ser enfrentados com a força do grupo no devido tempo, antes que se transformem em patologias físicas.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivenciada pela Educadora em Saúde da regional (SER-VI), que trabalha no território da UAPS - Edmar Fujita, durante a formação em Terapia Comunitária Integrativa oferecida pela SMS no segundo semestre de 2016 e sobre a parte prática, em andamento na comunidade.

## Metodologia

A formação do curso deu-se no projeto Quatro Varas, Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária – MISMEC, localizado na Rua Profeta Isaias, 456 - Barra do Ceará, Fortaleza – CE, no período entre agosto e dezembro de 2016, para os profissionais na área de saúde, médicos (as), enfermeiros (as), dentistas, educadores em saúde, agentes comunitários de saúde (ACS) e agentes comunitários em endemias (ACE). Foram oferecidas sessenta vagas para serem distribuídas entre as

sete regionais do município de Fortaleza. O Curso foi dividido em oito módulos e houve vinte encontros, sendo doze blocos teórico-práticos e oito estágios supervisionados.

Na teoria foram abordados os seguintes temas: Bases Teóricas da TCI; Pensamento Sistêmico; Abordagem Sistêmica da Família; Desenvolvimento da TCI; Práticas de TCI; Teoria da Comunicação; Antropologia Cultural; Pedagogia de Paulo Freire; Resiliência.

Nas aulas práticas, o tema Vivência é abordado como diferentes experiências pessoais que nos leva ao encontro do “eu” de cada participante, buscando o resgate da autoestima e cuidando do emocional. Tais experiências permitem evoluir de forma interpessoal facilitando a autoajuda e apoio ao próximo.

O material didático disponibilizado para todos os participantes foi composto por: um livro (Terapia Comunitária Passo a Passo), uma coleção de DVDs, além de alguns documentos de registro para atividades e um roteiro com orientação dos passos da terapia comunitária.

Nas práticas realizadas no bairro da Boa Vista, a divulgação se dá das seguintes formas: os impressos (convites) são entregues aos usuários pelos profissionais de saúde e cartazes foram fixados na unidade de saúde. A TCI acontece todas às quartas feiras de 9h às 11h, na casa de um líder comunitário, que também funciona como associação de moradores. Há participação da comunidade em geral, das médicas residentes em Medicina, Família e Comunidade da referida UAPS e eventualmente, agentes comunitários de saúde, graduandos de Fisioterapia e Enfermagem. A facilitação do grupo é feita pela educadora em saúde e também por uma médica da unidade, que também participou da formação.

Segundo Barreto, 2010, a Terapia Comunitária Integrativa, percorre cinco fases: acolhimento; escolha do tema; contextualização; problematização e encerramento.

Durante a formação, foi dada a orientação da importância do terapeuta chegar meia hora antes do horário inicial TCI, para preparar o ambiente deixando-o limpo e aromatizado, se possível. Viu-se também que no acolhimento procura-se ambientar o grupo, colocando as pessoas bem à vontade e confortáveis, de preferência em forma de roda visando trabalhar a horizontalidade e a circularidade.

Ao iniciar a sessão, é feita uma síntese do que é a TCI, esclarecendo que a terapia é um espaço de acolhida, partilha das inquietações do cotidiano e para que isso aconteça é necessário seguir regras ou orientações, que são: não dar conselhos; não julgar; não fazer sermão, nem discurso, nem análises; silêncio acolhedor, respeitar a fala do outro; falar de si usando o eu, e por último a

celebração que pode ser realizada através da música, piadas, provérbios relacionados com o tema ou partilhando momentos de alegria (celebrações, aniversários, festas e dinâmicas de aquecimento). Todos os itens acima são importantes para um bom funcionamento do grupo (BARRETO, 2010). Vale a pena salientar que as dinâmicas são muito importantes para o sucesso das rodas, proporcionando momentos de descontração, interação, tendo como função “quebrar o gelo”. Podem ser músicas, cantigas de rodas, brincadeiras, técnicas de relaxamentos, entre outros, tudo de forma breve.

Na escolha do tema, sempre é feito um questionamento pelo terapeuta: “por que falar com a boca?”. Sempre é dito esse provérbio “quando a boca cala os órgãos falam - quando a boca fala os órgãos saram”- e explicado seu significado. É importante dizer que não se devem partilhar segredos por se tratar de um espaço público e não poder ser garantido o sigilo. Então se faz a pergunta: “Quem gostaria de falar? Diga seu nome e, em poucas palavras, a sua inquietação”. Após a fala de cada participante, o terapeuta anota os nomes e o sentimento da pessoa que se dispuser a falar, faz uma votação para a escolha do tema. A pessoa escolhida apresenta mais informações sobre a sua inquietação e neste momento, todos podem lhe direcionar perguntas. No final da fala do protagonista, o terapeuta agradece, faz elogios e em seguida pede para que ele fique em silêncio escutando a partilha do grupo. Depois disto o grupo vai partilhar suas experiências. O terapeuta instiga com a seguinte pergunta: “Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar?”

Finalizando a TCI, é proporcionado um ambiente de interiorização, em clima afetivo para que as pessoas se sintam apoiadas umas nas outras. Nesse momento são expressas palavras de conotações positivas a todos que dividiram seus sofrimentos e pede-se que os participantes falem das coisas boas que mais lhes tocaram e admiraram. A despedida da TCI é feita agradecendo a presença de todos e motivando seu retorno no encontro seguinte. Também se solicita que cada um convide outras pessoas.

## Resultados e Discussão

De acordo com a antropologia cultural percebem-se grandes realizações de um povo e de grupos sociais, no qual o estudo dessa ciência nos permite embasamento para desenvolver habilidades de como lidar com pessoas, avaliar e discernir valores, e a partir fazer uso de tais mecanismos no cotidiano. Dessa forma, a cultura se apresenta como meio fundamental de referência para a construção direta da identidade pessoal e grupal da cada indivíduo (BARRETO, 2010). Este entendimento é base para compreensão das práticas integrativas.

O curso é um elemento extremamente relevante para a formação dos profissionais que trabalham com terapia comunitária, pois a partir do conhecimento teórico e prático vivencial que estes adquirem, há embasamento de sua práxis.

Segundo Barreto (2010), o pensamento sistêmico, que foi um tema da formação, diz respeito a um entendimento de que fazemos parte de um todo complexo que envolve o biológico, através do corpo, o psicológico, através da mente e das emoções, e a sociedade.

Para Barreto (2010), a teoria da comunicação está relacionada com a comunicação entre os sujeitos, a família e a sociedade. Por meio dela o dito e o não dito tem valor dentro de um processo particular e coletivo.

Freire (1920), em sua pedagogia vem dizer “que ensinar não é apenas uma transferência de conhecimentos acumulados”, de quem sabe mais para quem sabe menos. Ensinar é uma troca de experiências. Na TCI, vivemos essa troca de saberes onde o diálogo é recíproco.

Não menos importante, a resiliência que foi mais um produto de aprendizagem na formação nos auxilia no desenvolvimento do trabalho. A vivência pessoal, histórico familiar de cada integrante e subjetividade externados durante a terapia contribuem para a superação. (TAVARES, 2001)

No território em que a educadora em saúde está facilitando a parte prática da formação, está havendo semanalmente sessões de terapia comunitária desde Novembro de 2016. A frequência das pessoas tem sido variável, há os que fidelizaram a participação desde o início do processo e há um percentual que é rotativo. Em algumas rodas, além da comunidade, há presença também de estudantes da graduação de Medicina, Enfermagem, Nutrição e Fisioterapia da universidade que é ligada à unidade de saúde do referido território. Além disso, pessoas de outros bairros têm participado também da terapia, bem como pacientes encaminhados do Hospital de saúde mental do município de Fortaleza.

Apesar das rodas de terapia estarem acontecendo há menos de um ano, pacientes relataram que já estavam se sentindo melhores, que voltaram a assumir outras atividades, inclusive laborais, e por isso iriam deixar de ir. Outras pessoas continuam frequentando e relatam que se sentem fortalecidas por participarem do grupo. A outra facilitadora é uma médica da unidade, que refere ter uma percepção melhor dos problemas de saúde mental da comunidade, a partir dos relatos e reflexões feitas durante a terapia, favorecendo o tratamento mais eficaz dos vários problemas de saúde mental do território, diminuindo assim o número de encaminhamentos para a atenção secundária.

## Conclusão

Percebe-se que a formação oferecida pela SMS, atingiu seus objetivos no que diz respeito a qualificar os profissionais para facilitar os grupos de TCI, fazendo com que estes se sintam qualificados e mais seguros. Observou-se que de forma direta ou indireta a TCI, vem contribuindo na vida das pessoas, no social e no coletivo, atingindo seu objetivo de valorização das histórias de vida, de resgate da identidade, de restauração da autoestima, da confiança em si, bem como fortalecendo os vínculos entre os participantes.

## Referências

ALVES de Oliveira Giffoni, Francinete; SANTOS, Manoel Antônio dos. Terapia Comunitária como Recurso de Abordagem do Problema do Abuso do Álcool na atenção primária. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [en linea] 2011, 19 (Junio-Sin mes) : [Fecha de consulta: 26 de agosto de 2017] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421968020>> ISSN

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária Passo a Passo**. Fortaleza: gráfica LCR, 2005.

BARRETO. Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 4ª Ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília: MS, 2006. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971\\_03\\_05\\_2006.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html)

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de Março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Brasília: MS, 2017. Disponível em: [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt\\_849\\_27\\_3\\_2017.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_849_27_3_2017.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Ed. Pais e terra. São Paulo,1920.

MARTINS Jatai, José; SALES da Silva, Lucilane Maria. Enfermagem e a Implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: Relato de Experiência. **Revista Brasileira**



**de Enfermagem** [en linea] 2012, 65 (Agosto-Sin mes) : [Fecha de consulta: 25 de agosto de 2017]

Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267024790021>> ISSN

TAVARES, José Antônio. **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortês, 2001.

